

Livro conta a história do verdadeiro Indiana Jones

'CORONEL FAWCETT', DE HERMES LEAL, RECONSTITUI A VIDA DO EXPLORADOR INGLÊS QUE BUSCAVA UMA CIVILIZAÇÃO PERDIDA E DESAPARECEU NO BRASIL EM 1925

O livro *Coronel Fawcett — A Verdadeira História de Indiana Jones*, de Hermes Leal, conta duas histórias de aventura separadas por mais de 70 anos. A primeira é a biografia de Percy Harrison Fawcett, inspirador do personagem Indiana Jones. O explorador inglês embrenhou-se nas selvas do Mato Grosso junto com seu filho Jack e seu amigo Raleigh Rimell à procura de uma cidade construída na época pré-colombiana, e por lá desapareceu em 1925.

A outra história é a da expedição feita este ano por um grupo de amantes de rally e integrada por um cientista, Daniel Muñoz, e um jornalista — Hermes Leal —, que fez o caminho percorrido por Fawcett. O projeto, batizado de Expedição Autan, não ficou imune à aventura, mesmo com o apoio de seis carros, dois barcos e um sistema de orientação por satélite. Depois de entrar no Parque Nacional do Xingu, os 17 integrantes da equipe ficaram reféns de índios kalapalo por dois dias, sofrendo ameaças de agressão física se não entregassem todo o equipamento.

Fawcett também enfrentou problemas com índios. Até hoje, sua morte não foi esclarecida, mas uma possibilidade é que tenha sido morto por índios kalapalo — uma tribo pacífica, mas que não teria gostado da maneira agressiva como Fawcett tratou as crianças indígenas enquanto estava na aldeia.

Em 1951, o sertanista Orlando Villas-Boas, ajudado pelo índio Narro, que se encontrou com a Expedição Autan este ano, descobriu uma ossada próxima ao Rio Culene. Descendentes dos índios que supostamente teriam matado Fawcett confessaram-lhe o assassinato. No entanto, médicos ingleses disseram que aquela era a ossada de um homem mais baixo do que Fawcett, e a família do explorador nunca aceitou doar material para fazer os exames de DNA que resolveriam o enigma.

A história de Fawcett é ainda mais fascinante porque seria impossível reproduzi-la nos tempos atuais. Ninguém mais procura cidades de ouro no meio da selva

porque uma coisa mastodôntica dessas não teria resistido à bisbitotice de nenhum satélite. Seu charme deve-se, em grande parte, à precariedade com que a expedição foi realizada, sem instrumentos, aparato tecnológico e com conhecimento escasso do que havia dentro da floresta.

A história também fascina pela personalidade de Fawcett. Ele se movia por meio de conhecimentos técnicos e organização baseados na racionalidade, mas o que o impulsionava era algo no terreno do irracional e não-explicável: a crença em algo que afirmava sua existência somente por meios místicos — uma reminiscência da civilização perdida de Atlântida. Se ela tivesse existido, Fawcett era o homem mais indicado para encontrá-la. "Era um obstinado, enfrentava tudo e não fazia nada aleatoriamente", diz Hermes. O coronel conhecia medicina natural, alquimia, atirava bem, sabia alimentar-se de raízes, construía pontes, fazia barcos e costurava sua própria roupa. Sabia ler as estrelas e dizia: se eu desaparecesse, não venham me procurar, porque se eu me perdi, quem vier atrás de mim também se perderá.

O livro tem problemas que poderiam ser evitados por uma edição mais cuidadosa. Erros de concordância, frases mal-construídas e o uso de muitos lugares comuns. Exemplos: "um pequeno país cheio de templos e elefantes andando pelas ruas", "Fawcett, mesmo budista, e Nina de família espírita, achou a abordagem estranha, pois eram pessoas desconhecidas", "conversaram profundamente".

O sobrenome de um dos organizadores da Expedição Autan, James Lynch, foi grafado no livro inteiro com "i" no lugar de "y". "Deve ter sido um problema de revisão; quando reescreveram todos os nomes indígenas com 'i', o do Lynch foi junto", explica o autor.

Vanessa Haigh

Coronel Fawcett — A verdadeira História de Indiana Jones, de Hermes Leal. Geração Editorial. Lançamento amanhã no restaurante A Lanterna, R. Fidalga, 531, às 19h30. R\$ 24,00.



O coronel Percy Harrison Fawcett, que desapareceu na selva brasileira em 1925

TRECHO

"Independentemente das dificuldades, Fawcett estava decidido a permanecer no Rio de Janeiro o tempo que fosse preciso para conseguir os recursos de sua expedição. Seu projeto baseava-se apenas em suposições e na insistência de realizá-la como bem pretendia, com o apoio oficial — mas sem interferência — do governo brasileiro. Quando o assunto chegou às autoridades militares, a reação foi negativa. Não foram levadas a sério suas intenções de descobrir a Atlântida no Brasil. Isso Fawcett só iria saber quando se encontrasse com o engenheiro e general Cândido Mariano Rondon, que há tempos percorria os mesmos lugares onde ele, Fawcett, pretendia ir. Naqueles anos, Rondon construiu 2.270 km de linhas telegráficas e criou o SPI, Serviço de Proteção aos Índios, órgão ao qual cabia autorizar qualquer pessoa a entrar em contato com índios em território brasileiro, selvagens ou não. Fawcett, em tese, precisaria dessa autorização. Rondon era uma pessoa famosa e seus feitos bastante conhecidos, inclusive por Fawcett. (...) Na manhã de 26 de fevereiro de 1920, o general Rondon recebeu um telefonema do gabinete do presidente da República, Epitácio Pessoa, convocando-o para uma reunião naquele mesmo dia. Chegando ao palácio, subiu desconhecendo o assunto a ser tratado. Mesmo ciente de que Fawcett estava no Brasil, não esperava encontrá-lo tão logo. Na sala de reunião foi recebido apenas pelo presidente e um senhor bem-vestido, que lhe foi apresentado como o Coronel Fawcett.

(...) — O senhor Fawcett tem um plano capaz de descobrir uma imensa riqueza oculta em nossas selvas. Gostariamos que o senhor desse sua opinião sobre esse valioso projeto e que o ajudasse em sua empreitada.

Rondon não só ficou espantado, como reagiu dignamente e com dureza, chegando a ser desleal diante do fiel súdito da rainha da Inglaterra. Sem pensar duas vezes, respondeu para Epitácio Pessoa:

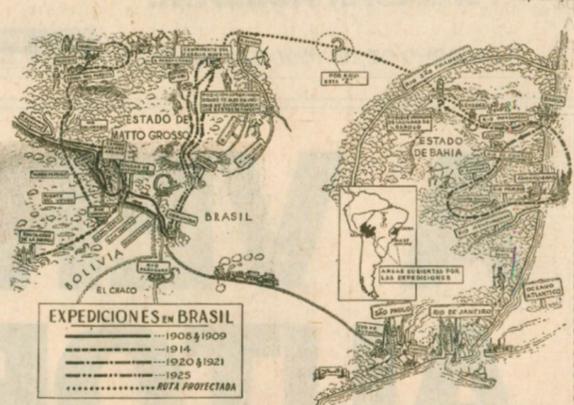
— Para fazer expedições pelo Brasil não precisamos de estrangeiros, pois temos civis e militares brasileiros aptos a fazer tal trabalho."



Fawcett à frente do grupo, na nascente do Rio Verde, na Bolívia



Daniel Muñoz, Jacalo, James Lynch e Narro na Expedição Autan



Mapa desenhado por Brian Fawcett mostra a trilha seguida por seu pai

PESQUISA FOI DA BAHIA À ÍNDIA

Carta revela que aventureiro tinha interesse em comprar mina

Hermes Leal não tinha ideia da dimensão do personagem quando resolveu juntar as peças do quebra-cabeça e escrever a biografia do coronel Percy Fawcett. "Cada documento que eu achava era uma revelação e uma alegria", conta o jornalista, que agora quer dedicar-se à ficção.

Como você chegou ao tema?

Fiz pós-graduação em cinema na ECA. Na hora de fazer roteiros, pensei na história de um jornalista inglês que viria ao Brasil para pesquisar a história do Fawcett. Quando eu fui fazer um levantamento para escrever o roteiro, percebi que a história do Fawcett estava toda fragmentada, havia documentos espalhados por toda a parte. No começo eu não tinha ideia do que que estava pesquisando. Só fui descobrir mais tarde que o personagem do Indiana Jones tinha sido inspirado nele.

Como você conduziu as suas pesquisas?

Fui à Bolívia e à Bahia e amigos meus fizeram pesquisas na Índia e na Inglaterra. A Internet também foi usada, mas eu me baseei principalmente nas cartas dele e nos relatórios que deixou. Quase tudo já foi publicado pelo filho dele, Brian. Com o professor Inácio da Silva Telles achei algumas cartas inéditas que aparentemente não tinham nada importante. Quando fui juntando as peças, percebi que se elas tivessem sido divulgadas na época, seria uma bomba. Elas mostravam que, além de aventureiro, o Fawcett também tinha interesse em comprar uma mina.

Vocês chegaram ao Xingu com miçangas e acabaram presos por índios que queriam barcos e carros. Você não acha que sobreu ingenuidade e faltou sensibilidade antropológica?

Os índios só querem saber de presentes, não estão nem um pouco interessados em sensibilidade antropológica. As miçangas não eram para pagar a entrada no parque, eram para cativar. Todo mundo leva presente, a gente levou remédios, mas também balinhas, sandálias, bolas. Eles ficam pedindo tudo que você está carregando e vestindo. Com as miçangas eles ganham dinheiro, fazem artesanato, mas não era um pagamento não. Pensamos em levar um gabinete dentário, alguma coisa mais útil, mas o que eles querem é motor e barco, que foi o que levamos como pagamento. Não sei se houve ingenuidade nossa, mas o seqüestro não teve nada a ver com o processo da nossa entrada no parque, foram alguns índios que simplesmente chegaram e pegaram o que queriam.

Um dos objetivos da expedição

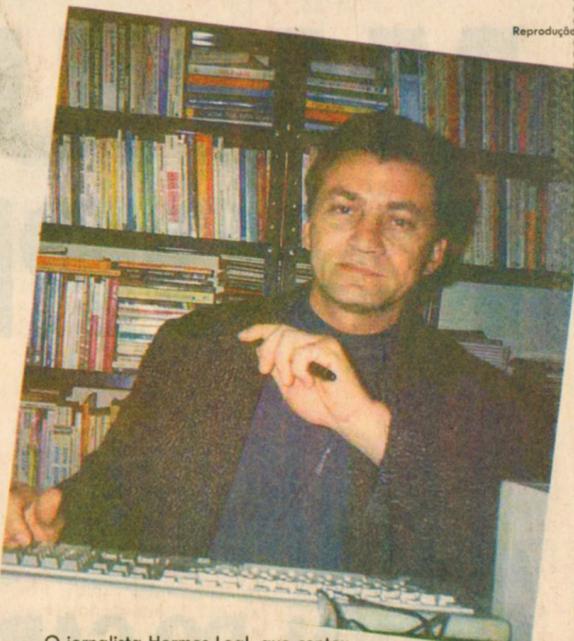
era colher informações para elucidar se a ossada descoberta por Orlando Villas-Boas em 1952 era de Fawcett. No entanto, isso continua um mistério.

Eu não tinha interesse em desvendar o mito, seria muito trabalhoso. A história do Fawcett independe da resolução da história da ossada, ela já existe. Descobrir se o esqueleto era ou não dele seria só mais uma frase no livro. Eu quis mostrar como o mito em torno do Fawcett foi criado, como se desenvolveu e se armou tudo em torno dele.

A neta de Fawcett, Catherine, disse que ofereceria material para o teste de DNA?

Disse, mas depois voltou atrás. Agora vamos ver como a coisa fica com a publicação do livro na Inglaterra. Soube que algumas editoras de lá já pediram o livro.

V.H.



O jornalista Hermes Leal, que contou com a ajuda de amigos na Índia e Inglaterra para as pesquisas